

**EXPLICITAÇÃO DOS DISCURSOS DE CRIMES COM
SUSPEITA DE MOTIVAÇÃO HOMOFÓBICA EM JORNAIS
DO ESTADO DO AMAZONAS**

Isaac Guidão Toscano
Lucilene Ferreira de Melo

RESUMO

Objetiva-se analisar os discursos sobre homicídios a pessoas não heterossexuais, noticiados nos Estado do amazonas no período de 2010 á 2012. A pesquisa ancorou-se no método de análise do discurso a partir da arqueogenealogia foucaultiana em diálogo com a produção de pesquisadores brasileiros e estrangeiros filiados à Teoria *Queer*. Evidenciou-se a propalação do discurso jornalístico presente nos crimes suspeitos de motivação homofóbica através dos jornais: A crítica e Diário 24 horas, em versões impressas e *on line*. Dentre os resultados destaca-se a sutil reiteração de enunciados estigmatizantes das sexualidades não heterossexuais, tais como a repatologização e a moralização da conduta sexual presentes no discurso dos jornais amazonenses. Evidenciam-se ainda, as estratégias jornalísticas de reiteração de verdades dos seres abjetos à heteronormatividade.

Palavras-chave: Discurso. Jornais. Homofobia. Homicídio.

ABSTRACT

It is aimed to analyze the discourse around homophobia panopticon. The research was anchored on the method of discourse analysis from Foucault arqueogenealogia in dialogue with the production of Brazilian and foreign researchers affiliated to Queer Theory. Evidenced the propalação of this journalistic discourse in crimes motivated by homophobia through newspapers: A critical and Daily 24 hours in printed and online versions. Among the results highlight the subtle reiteration of statements stigmatizing of non-heterosexual sexualities, such as repatologização and the moralization of sexual conduct within the discourse of Amazonian newspapers. Became evident yet, journalistic strategies reiteration of the truths of abject beings heteronormativity.

Keywords: speech. Newspapers. Homophobia. Homicide.

1 INTRODUÇÃO

As pessoas não heterossexuais ao longo de séculos vivenciaram e vivenciam a condição de subalternidade as quais foram postas, em que se constitui um padrão ideal de relacionamentos afetivo-sexuais. Padrão que se configurou no ocidente por meio do cristianismo, herdeiro da tradição judaica, que transformará a heterossexualidade no único comportamento suscetível de ser qualificado como natural e, por conseguinte, como normal (BORRILLO, 2010). A sexualidade torna-se um dispositivo de vigilância dos corpos que precisam estar moldado, envolvidos, domesticados em um conjunto definido, esquadrihado de ser sujeito.

Dessa forma, não foi o bastante determinar um tipo de sexualidade “natural e normal”, mais do que isso era necessário colocar num grau de inferioridade e abominação as que não eram passíveis de serem englobadas nesse padrão. Fato que contraria a concepção de estudiosos e até os mais leigos na área quando se compreende as sexualidades e práticas sexuais segundo Prado (2012), enquanto construções sociais intrinsecamente relacionadas com múltiplas dimensões simbólicas estruturais de determinada sociedade. Então, sendo construções sociais nunca são naturais, normais e engessadas são resultantes de relações de poder que se difundem na sociedade por meio de forças políticas, econômicas e culturais em que a resistência é fator incondicional.

Desta feita, objetiva-se com este trabalho a análise discursiva das matérias jornalísticas que propalaram crimes por suspeita de motivação homofóbica. Para tanto, a metodologia empreendida fincou-se na análise do discurso em uma perspectiva foucaultiana, Pamplona (2012, p.14), ressalta que esta opção metodológica de análise do discurso implica caminhos que o concebe em sentido oposto aos das conceituações pontuais, fechadas e causais, e volta-se para as condições de possibilidade do surgimento de discursos

constituídos por mobilidade, plasticidade, não tidos como um conjunto de signos e significantes, mas antes envoltos por uma complexidade marcada pelas relações históricas e práticas que estão vivas no próprio discurso. “O discurso é submetido à lei do devir e se estabelece em uma intemporalidade descontínua. Imobiliza-se por fragmentos: estilhaços precários de eternidade” (FOUCAULT, 1986. p.188).

Para análise elegeu-se a arena dos discursos jornalísticos proclamados a partir dos homicídios por suspeita de motivação homofóbica ocorridos no estado do Amazonas no período de 2010 a 2012. Acerca das fontes utilizadas, o *corpus* de análise constituiu-se pelas matérias jornalísticas do jornal *on line* D24 e do Jornal A Crítica, tanto em sua versão *on line* quanto impressa. Optou-se pelo primeiro devido à facilidade de acesso por meio da internet, além da capacidade de rápida divulgação do acontecimento; por sua vez, o A crítica é um periódico sexagenário, trata-se do jornal mais antigo do Estado do Amazonas, suas publicações destinam-se à classe média e alta da sociedade amazonense, este periódico possui enunciados polidos e instruídos para proclamação da verdade dos acontecimentos do presente. Logo, os critérios de inclusão destes veículos de comunicação devem-se à facilidade do acesso, abrangência e alcance, além da grande influência na mentalidade do povo amazonense.

Utilizou-se como bússola de localização dos homicídios os Relatórios Anuais de Assassinatos a Homossexuais (LGBT) realizados pelo Grupo Gay da Bahia nos anos de 2010 a 2012 e os Relatórios sobre Violência Homofóbica no Brasil, realizado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) nas suas publicações, até o momento, correspondentes aos dados de 2011 e 2012. Após a coleta das informações, realizou-se os seguintes procedimentos operacionais: organização das matérias jornalísticas em uma classificação cronológica, transcrição e organização em um documento nomeado de Consolidação dos Dados Hemerográficos,

posteriormente procedeu-se à distribuição das matérias conforme temas afins.

2 ESTRATÉGIAS DE VERDADE NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Passaremos agora a explicitar os mecanismos de profusão do discurso midiático relacionado ao modo como foram tratados os enunciados de alguns dos casos de homicídio com suspeita de motivação homofóbica identificados na pesquisa, evidenciando os elementos cruciais impressos no *corpus* do material analisado que se referem direta ou indiretamente à reiteração dos regimes de verdade produtores de subjetividades valoradas e desprezadas socialmente.

Para mergulharmos na análise dos discursos em sua complexidade é necessário primeiramente que recorramos a métodos que nos auxiliem na compreensão do objeto, nesse sentido nos direcionamos para o que afirma Fisher (2012):

[...]tentar se desprender de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos. Como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de ‘reais’ intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis.

Nesse sentido cabe a tentativa de verificar os elementos que estão para além da superfície da referida notícia, considerando os elementos intrínsecos no acontecimento em tela, é necessário portanto alguns questionamentos, segundo Fisher (2012), [...] “porque isso é dito aqui, desse modo, nessa situação e não em outro tempo ou lugar, de forma diferente?”. Para emprendermos a analítica dos discursos deve-se multiplicar as relações “situar as ‘coisas ditas’ em campos discursivos, extrair deles alguns enunciados e colocá-los no mesmo campo ou de campo distinto”.

Ao analisar as estratégias discursivas que constroem o dispositivo de saber-poder incidente no cenário de violência homofóbica e na relação entre vítima e algoz, o discurso proclamado corrobora na manutenção do *status* heterossexual em detrimento do não heterossexual. Na produção de “verdades”, destaca-se o título: “*Engenheiro morto em motel. Engenheiro ambiental William Andrade recebeu seis facadas. Neiff Façanha está preso pelo crime e alega legítima defesa*” (A CRÍTICA, 14/01/10, homicídio 01).

Há uma exaltação da vítima a partir de sua identificação profissional, que ressalta o prestígio do pai da vítima “ex-presidente do Sindicato dos jornalistas profissionais de Manaus”, o que lhe confere certo reconhecimento frente à opinião pública. No entanto, ao mesmo tempo, esse possível cuidado na elaboração da matéria com a repercussão de tal crime se compromete quando de forma isolada delinea o espaço territorial em que ocorreu o homicídio, o motel. Que não é apenas parte formal da elaboração de uma notícia mais também serve como ferramenta de localização de uma possível identidade social do sujeito.

Os enunciados da matéria jornalística revelam elementos discursivos que tentam descrever o homicídio considerando a relação entre vítima e acusado, situando a posição em que ambos socialmente estão inseridos, em relação à profissão, idade ou orientação sexual remetendo o leitor a uma possibilidade de assumir uma impressão sobre o fato. O destaque da profissão que opõe vítima e acusado configura a relação entre um suposto “cliente”, o Engenheiro Willian Andrade e o “michê” e autônomo, Neiff Façanha.

Este último ocupa um lugar ambíguo na matéria, pois o sujeito “michê” ao mesmo tempo em que é legitimado na atividade sexual devido ocupar *a priori* a posição de ativo, também é posto em suspeita ao questionar sua identidade de “macho”, quando este é equiparado à “bicha”. Esta ambiguidade é característica da própria

performance do michê, pois segundo Perlongher (1987, p. 20) o termo michê “é usado para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente”.

A produção da matéria do jornal não é impensada, ela se constitui em um dispositivo de relações complexas, aparentes e invisibilizadas, nesse sentido se considera o primeiro elemento presente no texto esquadrinhando, a localização social dos sujeitos: “*O autônomo Neiff Bezerra Façanha [...] o engenheiro ambiental William Lopes Oliveira Andrade,[...]*” (grifo nosso).

A ocupação profissional, no caso de Neiff, tanto por sua ambiguidade moral, socialmente construída; quanto por falta de oportunidades, dificilmente consegue acesso ao mercado de trabalho formal o que pressiona parcela dos jovens ao mercado da prostituição como meio de satisfação de suas necessidades econômicas e também sexuais, desta feita, assevera Perlongher (1987, p.106):

[...] a existência de um mercado de prostituição que privilegia os mais jovens se conecta com necessidades materiais concretas dos rapazes, geralmente desprovidos do meio de subsistência. A prostituição revela-se assim, como uma espécie de “rito de passagem” ou de iniciação sexual dos adolescentes, que atende não somente as suas carências sexuais, mas também econômicas.

Nesse sentido, se estabelece uma relação de poder hierarquizadora entre o cliente (engenheiro) e o michê (autônomo), relações onde se agregam concepções ideológicas, socioculturais e econômicas que reproduzem em seu bojo estigmas, preconceitos e discriminações para com os clientes e com os michês. Não se pode desconsiderar que as formações discursivas que constituem esses enunciados negam a existência de um conjunto complexo que perpassam o objeto de que se fala e que não o acompanham em sua constituição.

A segunda característica identificada é a relação de faixa etária entre o engenheiro e Neiff, que também foi destacada na matéria jornalística, elemento identificado por Perlongher, (1987, p. 24), “[...] o negócio do michê faz referência à diferença de idade entre o prostituto e seu cliente. Em geral a clássica para o exercício da profissão oscila entre 15 e os 25 anos, enquanto os clientes costumam ter mais de 35 anos”.

Porém, não é apenas a disparidade etária que perpassa a relação entre o *Neiff* (michê) e o *William* (cliente), mas todo um jogo de desejos, interesses sexuais e econômicos, que refletem a realidade de ambos, demarcadores do espaço social em que eles estão inseridos. Um terceiro elemento a ser analisado é a justificativa para eventual homicídio que põem às claras a dimensão que se localiza o valor da vida de uma pessoa não heterossexual, segue o excerto:

William teria dito a Neiff ter apenas R\$ 40, 00 referente à diária do motel, o que teria irritado o autônomo e resultado em um ‘bate-boca’ entre os dois. ‘Em meio à discussão, segundo os relatos de Neiff, o engenheiro ambiental teria puxado uma faca contra ele originando uma luta corporal entre eles. Após aplicar um golpe no pescoço de William, o acusado conseguiu desarmá-lo e desferiu seis golpes que atingiram a vítima no pescoço, braço e tórax. Durante o depoimento, o *autônomo alegou legítima defesa*’ (A CRÍTICA, 14/01/10, homicídio 01).

A descrição jornalística possibilita a justificativa do crime cometido por Neiff, este intento organiza-se de forma explícita no texto como uma ação lógica, de um “acordo descumprido”, que respalda o acusado ter se “irritado” com a vítima. Contudo, considerando o jogo de poder que perpassa a relação entre ambos personagens acredita-se que este não é um motivo para a ação violenta dos “michês” contra seus “clientes”, mas do que um acordo não cumprido, a violência perpetrada é demonstrativo da existência do modelo “bicha/macho” em concorrência com outro modelo o “igualitário”, onde não é mais a “bicha efeminada e passiva que se submete perante um bofe viril e ativo, mas um sujeito assumido como

homossexual” (PERLONGHER, 1987). Essa é uma questão que não pode ser desconsiderada ao passo que evidencia uma realidade de subordinação a qual é posta os não heterossexuais, especificamente os de identidade de gênero masculina, em condição de um agente passivo que apenas deve ser “penetrado”. Sua não aceitação muitas vezes resulta em conflitos com o parceiro michê (macho), que não aceita assumir outra posição que não seja a que lhe garanta o *status* de virilidade, de um heterossexual.

No entanto, reconhecer que estes são uns dos motivos que levam a ações desse tipo por parte do michê nem sempre é relatado, principalmente quando pode pôr em risco a identidade de macho e sua posição viril que se deveria assumir. Além de que, muitos dos michês tentam se autolegitimar enquanto heterossexual mesmo possibilitando prazer e obtendo prazer em uma relação sexual homoerótica.

Desta feita acabam por justificar suas agressivas atitudes, escamoteando o seu papel de passividade econômica e por vezes sexual, quando o cliente assim deseja. Perlongher (1987, p. 222), em seu clássico, *o negócio do michê*, assevera: “o fantasma da violência e da morte ronda também os avatares do negócio, ‘matei para roubar’, é uma desculpa frequentemente esgrimida pelos michês perante a justiça, em muitos casos [...] arguindo “*falta de pagamento*” (grifo do nosso).

Dentre outras matérias analisadas a identidade de gênero dos sujeitos é apontada como marcador fundamental, sustentado por relações de saber-poder presente nas formações discursivas que permitem falar sobre determinado sujeito dentro de certas regras. Verifica-se a seguir de que forma foram identificadas as vítimas com suspeita de motivação homofóbica:

A vítima seria travesti e fazia programas sexuais na área (A CRÍTICA, 14/01/12, homicídio 02).

Um travesti identificado como 'Úrsula' foi executado com seis tiros (A CRÍTICA, 06/12/11, homicídio 08).

Travesti é encontrado morto, vítima costumava se prostituir na avenida General Rodrigo Otávio [...] (A CRÍTICA, 18/01/12, homicídio 09).

Briga resulta em morte de travesti. Segundo informações coletadas pela PM o rapaz era morador de rua e fazia programa na área (A CRÍTICA, 27/08/12, homicídio 15).

Cozinheiro é assassinado. Valdir da Mota Conceição, 47, era travesti[...] (A CRÍTICA, 15/10/12, homicídio 19).

Ressalta-se que o tratamento quanto ao gênero das travestis, sempre é referenciado pelo artigo masculino “*o travesti, um travesti, o rapaz, etc.*”, essa é uma das questões problemáticas do reconhecimento da travestilidade enquanto identidade gênero. Pois, ao assumirem a performance do “feminino”, não demonstra apenas um conjunto de adereços, posturas, comportamentos equiparáveis, mas o objetivo último está no reconhecimento social de sua identidade feminilizada. De acordo com Duque, (2009) “o conceito de travestilidade se refere à variedade de processos identitários pelos quais os sujeitos travestis passam a se constituírem enquanto femininos”.

O não reconhecimento das travestis e de sua reivindicação enquanto sujeito “feminino”, acabar por ratificar a não aceitação e as novas formas de transformação do corpo, sendo permitida uma única polaridade de gênero homem/mulher, dentro dos “parâmetros” masculino/feminino, sendo estes definidos e identificados por sua genitália.

Logo, a opção pelo termo masculino *o/um travesti* e não pelo termo feminino *a/uma travesti* por parte das matérias jornalísticas, não é uma simples referência imparcial, mas uma demarcação quanto a sua posição na sociedade, um dispositivo que aloca a travestilidade no campo das sexualidades dissidentes não reconhecendo outras possibilidades de feminino ou de masculino distinto da rígida polaridade de gênero demarcada pela heterossexualidade compulsória.

A cerca da classificação da orientação sexual e das identidades de gênero o material hemerográfico as engloba além do termo travesti equivocadamente posto sempre no masculino, também o termo homossexual enquanto estratégia de homogeneizar o desconhecido e o abjeto.

Em associação a definição da vítima enquanto travesti, a prostituição é reiterada como um atributo quase que inerente à sua travestilidade. Torna-se necessário acentuar que a face da prostituição das travestis não está necessariamente ligada a esta prática das profissionais do sexo, mas a outros elementos ainda mais complexos. Primeiramente, é o resultado da discriminação que sofrem desde sua casa, escola e outros espaços de sociabilidade, resultando desta negação, por vezes, a expulsão de seu próprio lar. Desta feita, o rechaço pelas instituições sociais, desde a família, a igreja, a escola e o Estado acabam sendo socialmente naturalizado.

Dentre os cinco assassinatos das travestis, apenas em um caso a matéria noticiou a vítima não ser profissional do sexo, o que apontam a confirmação dos elementos apresentados acima que retratam este quadro de desigualdade a qual sofrem esse segmento. Trata-se da travesti e cozinheira conhecida por Kelly e identificada pelo nome Valdir da Mota Conceição, 47 anos, encontrada morta em sua casa no dia 15 de outubro de 2012, este é o único caso, a qual se faz referência a uma ocupação profissional que não seja de prostituição, além de atributos positivos na sua conduta, descrito pelo vizinho: “Ele conhecia todo mundo aqui na rua, era educado, cumprimentava a todos” (A CRÍTICA, 15/10/12, homicídio 19). Porém, apesar de ser uma travesti assumida e estimada por vizinhos e familiares, infelizmente não a livrou de um brutal crime.

Além da prostituição outro estigma fortemente associado à travestilidade é o uso ilícito de drogas, comprovada pelo seguinte enunciado: “*Valdir era homossexual, mas não era usuário de droga*”

(IDEM), como se a travestilidade estivesse intrinsecamente ligado ao uso de entorpecentes, logo para demarcar sua oposição fez-se necessário distanciar a vítima dessa conduta.

Destaca-se outra artilosa estratégia no discurso jornalístico inserida no jogo de saber- poder constituinte de verdade das sexualidades dissidentes. Trata-se de dizer o que se pretende através da escuta e seleção cuidadosa de quem se entrevista, pois apesar dos sujeitos serem diversos, geralmente, familiares, amigos, vizinho, colegas de trabalho, todas as falas apontam para constituição de um arquétipo moral em que o jornalista, proclamador da verdade, fala através das palavras de outrem, com o significando em consonância com o protótipo discursivo pré-estabelecido.

Um dos elementos deste protótipo de inteligibilidade da sexualidade alheia de maior ressonância, assim se expressa: *“a vítima levava muitas pessoas à casa, mas nem sempre eram as mesmas que frequentavam o local. Era difícil você saber quem eram as pessoas, ele estava sempre mudando de companhias”*, ou seja, o caráter moralizador é ratificado por meio da fala de um vizinho que sugere um comportamento da vida pregressa da vítima, como sendo inapropriada, “moralmente” repudiada, que foge dos “bons costumes” de uma rotina com relações reconhecidas perante a sociedade de “princípios” norteadores da vida social, tais como relacionamento conjugal monogâmico duradouro, dentro dos padrões heterossexuais.

Porém, tudo é proclamado sem considerar o ritual da entrevista, os seus roteiros esquematizados, as perguntas pensadas apropriadamente para determinada circunstâncias e a seleção das testemunhas da verdade cuidadosamente definidas não são postos em discussão, pois quando a matéria é editada apenas um minúsculo nome se apresenta, tornado impessoal o discurso e assegurando um estatuto de verdade simplesmente pela publicação das palavras do outro, testemunha do real e do empírico vivenciado.

Esses indicadores configuram argumentos em que as formações discursivas se movem, são meios pelo qual é possível se inscrever em um enunciado, aspectos evidenciados por Fisher (2012, p.12),

[...] nossos atos elocutórios – atos enunciativos, atos de fala-, podemos dizer que eles se inscrevem no interior de algumas formações discursivas e de acordo com certo regime de verdade, o que significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente e afirmando verdades de um tempo.

Estes dispositivos discursivos engendram os corpos a partir de uma padronização da vida social, afetiva e sexual são definidores de moralidade da conduta, os seguintes enunciados se configuram entorno de discursos moralizantes que se agrupam objetivando reiterar um modelo heteronormativo o que implica desconsiderar outros possíveis. No primeiro caso optou-se por fazer os recortes das duas fontes hemerográficas uma vez que ambas noticiaram o acontecimento com elementos diferenciados, segue os enunciados:

O funcionário público municipal Raione Batalha, 40, foi assassinado com uma facada no abdômen na madrugada de ontem. Há suspeita de que o crime tenha sido passional. A polícia não descarta a possibilidade de latrocínio [...] a vítima era homossexual. Eles encontraram a casa toda revirada e a vítima morta ao lado da cama com as mãos amarradas atrás do corpo (A CRÍTICA, 24/09/12, homicídio 17).

A principal suspeita, segundo a Polícia Civil (PC), é uma vizinha identificada como Maria Aparecida, que estaria devendo mil reais à vítima. [...] eles encontraram Raiony morto, com os braços amarrados e de bruços. Um vizinho disse que o funcionário público costumava fazer muitas festas na casa onde morava. 'Era comum ele trazer os amigos pra ficarem bebendo e usando drogas. Ele era homossexual, mas não tinha um namorado fixo' (PORTAL D24AM, 24/09/12, homicídio 17).

Valmir Antônio Antão foi morto dentro da casa em que morava, encontrado degolado na manhã deste sábado. Os vizinhos afirmaram que ele era homossexual e que era comum Valmir ter convidados em casa (A CRÍTICA, 17/11/12, homicídio 21).

Nos excertos citados optou-se por apresentar as fontes, considerando a divergência de informações. No primeiro caso

verificou-se inicialmente que a matéria desdobra-se em uma descrição técnica do homicídio. Todavia, como analisado em outros casos, ela não hesita em dar ênfase quanto à orientação sexual o que demonstra como o fato de não ser heterossexual é tomada enquanto dispositivo de identidade definidora e totalizante do sujeito. Importante salientar as falas do(s) vizinho(s) elucidadas no corpo da matéria, elas demonstram formações discursivas presentes nos enunciados que em sua constância tem algo a dizer.

No primeiro caso, identifica-se na matéria produzida pela fonte *Portal d24am* um trecho da fala de um suposto vizinho da vítima o qual diz o seguinte: “[...] o funcionário público costumava fazer muitas festas na casa onde morava. Era comum ele trazer os amigos pra ficarem bebendo e usando drogas. Ele era homossexual, mas não tinha um namorado fixo”. Diferente da primeira fonte, jornal *A Crítica*, que faz referência somente sobre sua orientação sexual sem incorporar comentários a respeito. No segundo caso sendo o mesmo personagem (vizinho), porém identificado no plural, descrevem uma possível “rotina da vítima”, visualizado sob o seguinte enunciado: “*os vizinhos afirmaram que ele era homossexual e que era comum Valmir ter convidados em casa*”.

Nos dois casos percebe-se que os personagens selecionados para tecerem comentários sobre as vítimas são seus supostos vizinhos. Além disso, o discurso nos dois casos nos remete à uma descrição estereotipada da vida pregressa da vítima, pelo fato de ser homossexual e, além disso, como sua conduta se exercia. É evidente que ao produzir tal matéria o processo de construção das informações perpassa por uma seleção daquilo se entende enquanto relevante o que conseqüentemente acabam por forjar verdades.

Não é casual acentuar tal descrição da vítima, à medida que se compreende que o outro é construído a partir de determinado ponto de referência, o “eu” e que determina como o “outro é”. Contudo é

importante frisar que esta construção da personalidade, do caráter e da conduta do “outro”, não é resultado de uma individualidade, mais de um processo social, que constroem tais identidades sociais, sejam elas positivas ou negativas.

Os discursos sobre a personalidade, identidades sociais, valores morais e o caráter tem enquanto dispositivos aqui verificados a sexualidade. Neste processo de construção social, emergem os discursos de “naturalidade e normalidade” que correspondem à negação das sexualidades desviantes, caracterizadas enquanto imorais, criminosas e anormais.

Destarte, não basta apenas defini-las é preciso a reiteração de sua posição na sociedade, ao equipará-la ao padrão já existente. Este padrão se constrói socialmente, a partir de concepções judaico-cristãs, de uma moral burguesa. Pois, “nas relações de poder a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, podendo servir de ponto de apoio e de articulação as mais variadas estratégias” (FOUCAULT, 1976, p.114).

É desse modo que as sociedades vão se organizando, sobre o comando de “verdades” que emergem de diferentes instituições. Verdades que são produzidas e reproduzidas nos espaços de relações sociais, que se materializam a partir de uma prática discursiva que pode ser inteiramente violenta como o dizer a verdade do vizinho em tom de denúncia pública daquele que não seguia o roteiro moral preestabelecido.

É importante frisar que ao decorrer de toda a coleta das matérias jornalísticas o termo homofobia somente apareceu somente uma vez no título de uma notícia publicada no dia 14 de janeiro de 2012 pelo jornal impresso A Crítica, correspondente ao seguinte excerto: “Homofobia. A vítima seria travesti e fazia programas sexuais

na área” o que demonstra a ausência de formação dos jornalistas locais em tratar a discussão, haja vista que o termo homofobia, a pesar de desde a década de 1980 ser reivindicado pelo movimento social e reconhecido pelo poder público em 2004, sua populariza ocorre no ano de 2011, a partir da maior visibilidade de diversos eventos e temas afeitos às sexualidades dissidentes por parte do poder público e do movimento social LGBT.

Passemos a verificar de que maneira se articulam as relações de hierarquia sexual e os aspectos de exclusão que se constituem a homofobia demarcadas nas relações de saber-poder. Um dos casos é revelador da homofobia familiar.

Uma adolescente de 17 anos de idade matou o próprio irmão, o estudante Gerson Soeiro de Carvalho, 19, com pelo menos uma facada no estômago durante discussão ocorrida dentro da residência da família (A CRÍTICA, 06/04/12, homicídio 13).

O enunciado acima é demonstrativo de que a homofobia se manifesta nas diferentes esferas da vida social dentre elas a família, primeiro espaço de sociabilidade do indivíduo, também é o primeiro que deixa suas marcas físicas e simbólicas, a homofobia ultrapassa os laços afetivos e consanguíneos. Após uma discussão, segundo informações de vizinhos, iniciada por conta de um pedaço de pão, Gerson foi atingido com uma facada no abdômen, por sua irmã uma adolescente de 17 anos que teria tentado separar a briga de Gerson com outro irmão.

A homofobia familiar se materializa em conflitos e exclusões, por vezes, chega ao extremo do homicídio, intencional ou não, como ocorreu com Gerson. A matéria apresenta alguns indícios desta modalidade de homofobia, seja pelos valores religiosos ou pelos padrões heterossexistas reproduzidos no seio familiar. De acordo com a matéria os vizinhos afirmaram que *“a família era muito religiosa e não aceitava a ‘opção sexual’ de Gerson que era homossexual*

assumido, por este motivo, ele vivia afastado da família e, quando se reunia sempre ocorriam brigas entre os irmãos mais velhos” (A CRÍTICA, 06/04/12, homicídio 13). Logo, parece notório que a motivação do conflito interfamiliar em relação ao estudante, deve-se por este reconhecer-se enquanto não heterossexual, sendo renegado por sua família, sustentada por valores tradicionais religiosos, intolerantes à orientação sexual do jovem.

Na produção do enunciado, ora exposto, se reconhece duas posições sugestivas para as reais motivações do homicídio. Uma seria o enunciado da matéria em que se diz: *“discussão por um pedaço de pão teria iniciado a briga na qual a adolescente de 17 anos, golpeou e acabou matando familiar”*. Outra em contrapartida é apontada também como fator responsável por desencadear tal trama, descrito na matéria da seguinte forma: *“a família era muito religiosa e não aceitava a ‘opção sexual’ de Gerson que era homossexual assumido”* o que se mostra como importante demarcador da discriminação nas relações intrafamiliares perpetradas por “valores religiosos”.

Materializam um padrão normativo (heterossexual) das relações afetivo-sexuais, que se sustentam a partir de ensinamentos religiosos, e que extrapolam os liames da liberdade do outro como direito. Até mesmo, defronta-se com um princípio filosófico defendido por religiões como o cristianismo, qual seja, o livre arbítrio, como condição humana, reconhecendo a possibilidade das pessoas traçarem suas escolhas e direcionar suas vontades da maneira que os lhe satisfaçam.

No tópico final da matéria encontra-se o seguinte enunciado: *“os vizinhos não acreditam que a irmã teve a intenção de matar. ‘Foi um acidente, com certeza. Por mais que eles vivessem brigando, acho que ela não queria matar o irmão”*. Apesar da confirmação dos vizinhos das constantes brigas entre os irmãos e da segregação familiar sofrida por Gerson devido sua orientação sexual, ainda assim

o periódico ressalta os laços consanguíneos enquanto justificativa para não intencionalidade do homicídio por parte da irmã, também evidenciada nas falas dos vizinhos, em uma tentativa de amenizar a suposta motivação do crime, ou seja o fato de Gerson assumir sua homossexualidade publicamente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sexualidades dissidentes, apesar de passarem por um doloroso processo de resistência e atualmente assumirem uma posição de mais visibilidade se comparado a épocas anteriores, ainda confrontam-se com os limites de sua liberdade em vivenciar suas práticas afetivas e sexuais, valores, religiosidade e posições políticas, as quais são restringidas por determinados discursos hegemônicos.

Por vezes, vistos enquanto “subcidadãos”, não possuem consensualmente os mesmos direitos sociais que os heterossexuais. Sendo estigmatizados em suas vivencias sexuais e sociais, pois trazem no bojo histórico de sua sexualidade, um caráter marginalizado.

Mesmo diante da visibilidade pública das sexualidades não heterossexual em busca de reconhecimento quanto à sua vida social e sexual, ainda existem paradigmas que os colocam em patamar de desigualdade. Ao deparar-nos com determinados discursos moralizantes e estigmatizantes que constroem personagens a partir de estereótipos, que tentam desqualificar sua vida pregressa, percebe-se a necessidade de tal reflexão.

Constatou-se que apesar dos modernos mecanismos de sutileza discursiva os jornais ainda continuam a patologizar e a criminalizar as sexualidades *desviadas* da heteronormatividade compulsória, dentre os procedimentos ressalta-se o expurgo do corpo feminino lésbico como concorrência ao prazer do macho heterossexual, a

hierarquização demarcadas entre cliente e michês nas relações sexuais, e o preconceito agravado por demarcadores socialmente desprestigiados, nas relações familiares e sociais, os discursos jornalísticos analisados apontam para a justificável morte das vítimas, constituindo-se enquanto estratégia que escamoteia a violência da heteronormatividade enquanto expressão da biopolítica empreendida pelo Estado, em que uns merecem viver e outros são deixados à míngua para morrer.

Por fim, ao analisar os enunciados das matérias jornalísticas, se conclui que não se trata de prender-se ao aparente de um dado acontecimento, mas verificar as articulações de construção dessas informações, e percebê-las enquanto práticas discursivas constituídas por relações de saber-poder.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. *Homofobia e crítica de um preconceito*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL, **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: o ano de 2011 e 2012**. Brasília, 2013.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. “**Tá lá o corpo estendido no chão...**”: a **Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro**. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 16(2):233-249, 2006 233

FISCHER, Rosa Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

_____. **Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade e política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros de Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução Roberto Cabral Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. **História da sexualidade – I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. Guilhaon de Albuquerque. RJ: Graal, 1985.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1997.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France, (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: v. I: A vontade de saber**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France, 1973-1974**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. **Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004**.

GGB, Grupo Gay da Bahia. **Relatório Anual de Assassinatos a Homossexuais (LGBT): o ano de 2010, 2011 e 2012**. Salvador, 2013.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art07_junqueira.pdf>. Aces. em 27 de mai. 2012.

LACERDA, Paula. **O drama encenado: assassinatos de gays e travestis na imprensa carioca**. 2006. 127 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. **Jornalismo e homofobia no Brasil: mapeamento e reflexões**. São Paulo: Intermeios, 2012.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RAMOS, Silvia. CARRARA, Sérgio. **A constituição da problemática da violência contra homossexuais:** a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. In: PHYSIS: Revista Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 2006.

PAMPLONA, Renata Silva. **O kit Anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual. Dissertação de Mestrado.** Ufscar, São Paulo, 2012.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades:** a hierarquia da invisibilidade. São Paulo, Cortez, 2012.